

MARINHA DO BRASIL
DIRETORIA DE ENSINO DA MARINHA

***CONCURSO PÚBLICO PARA INGRESSO NO QUADRO
TÉCNICO DO CORPO AUXILIAR DA MARINHA
(CP-T/2020)***

**NÃO ESTÁ AUTORIZADA A UTILIZAÇÃO DE MATERIAL
EXTRA**

LETRAS

Leia o texto a seguir e responda as questões de 1 a 16.

Texto I

O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

[...] Eu tinha chegado havia pouco ao Rio e estava literalmente na miséria. Vivía fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no Jornal do Comércio o anúncio seguinte:

"Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc." Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os "cadáveres". Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a Grande Encyclopédie, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e a língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo maleo-polinésico, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

A Encyclopédie dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronunciação figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras. Na minha cabeça dançavam hieróglifos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los. [...]

Resolvi animosamente propor-me ao professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo Jornal e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um professor de língua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliografia e história literária do idioma que ia ensinar.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, Barão de Jacuecanga, à Rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que número. É preciso não te esqueceres que entretimentos continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanês. Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntar e responder "como está o senhor?" - e duas ou três regras de gramática, lastrado todo esse saber com vinte palavras do léxico.

Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil - podes ficar certo - aprender o javanês... Fui a pé. Cheguei suadíssimo; e, com maternal carinho, as anosas mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em toda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza...

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava maltratada, mas não sei por que me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não

era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas. [...]

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com o lenço de alcobaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse ele o discípulo, era sempre um crime mistificar aquele ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

- Eu sou, avancei, o professor de javanês, que o senhor disse precisar. [...]

- O senhor há de ficar admirado, aduziu o Barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...

- Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos...

- O que eu quero, meu caro senhor...

- Castelo, adiantei eu.

- O que eu quero, meu caro Senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do Conselheiro Albernaz, aquele que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fora um hindu ou siamês que lho dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse: "Filho, tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que ele evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o; mas, se queres que o fado que me deitou o sábio oriental se cumpra, faze com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz." Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na história; contudo, guardou o livro. Às portas da morte, ele mo deu e disse-me o que prometera ao pai. Em começo, pouco caso fiz da história do livro. Deitei-o a um canto e fabriquei minha vida. Cheguei até a esquecer-me dele; mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talismã da família. Tenho que o ler, que o compreender, se não quero que os meus últimos dias anunciem o desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro que preciso entender o javanês. Eis aí.

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.

Veio o livro. Era um velho calhamaço, um quarto antigo, encadernado em couro, impresso em grandes letras, em um papel amarelado e grosso. Faltava a folha do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas páginas de prefácio, escritas em inglês, onde li que se tratava das histórias do príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito.

Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive

ainda folheando o cartapácio, à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço, até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio antes de um ano.

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o Senhor Barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia. [...]

Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse-me ele; nada se opunha que outrem o traduzisse e ele ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!...

Ficava extático, como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos!

Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, aumentava-me o ordenado. Passava, enfim, uma vida regalada.

Contribuiu muito para isso o fato de vir ele a receber uma herança de um seu parente esquecido que vivia em Portugal. O bom velho atribuiu a cousa ao meu javanês; e eu estive quase a crê-lo também.

Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio. E esse meu temor foi grande, quando o doce barão me mandou com uma carta ao Visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo. - "Qual! retrucava ele. Vá, menino; você sabe javanês!" Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um sucesso. [...]

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente, e fez-me uma deixa no testamento.

Pus-me com afã no estudo das línguas maleo-polinésicas; mas não havia meio!

Bem jantado, bem vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: *Revue Anthropologique et Linguistique*, *Proceedings of the English-Oceanic Association*, *Archivo Glottologico Italiano*, o diabo, mas nada! E a minha fama crescia. Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: "Lá vai o sujeito que sabe javanês." Nas livrarias, os gramáticos consultavam-me sobre a colocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês. [...]

Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia. [...]

(BARRETO, Lima. *O homem que sabia javanês*. Belém: NEAD - Núcleo de Educação à Distância da Universidade da Amazônia. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000165.pdf> > - texto adaptado.)

QUESTÃO 1

Leia a frase a seguir:

"Resolvi animosamente propor-me ao professorado do idioma oceânico." (4º§)

Assinale a opção que contém o comentário correto, quanto ao conteúdo proposicional, sobre a frase acima.

- (A) O narrador toma, de forma intempestiva e irrefletida, a decisão de propor-se a lecionar javanês, motivado pela empolgação e pela ansiedade.
- (B) Pode-se perceber, por meio do processo de inferência semântica, uma mudança no estado de espírito do narrador.
- (C) Usando do recurso da argumentação por implícitos, o narrador indica que a ideia de propor-se a lecionar javanês dirimiria todos os seus problemas.
- (D) Ocorre o uso do recurso da analogia em "idioma oceânico", o que sugere um reconhecimento da grandeza do javanês, por parte do narrador.
- (E) Depreende-se que a proposta para ser professor de javanês não poderia ser recusada por quem quer que seja, algo percebido pelo narrador.

QUESTÃO 2

Em que opção o termo destacado refere-se ao livro de javanês do Barão de Jacuecanga, segundo um mecanismo de coesão lexical?

- (A) "Encyclopédie" (3º§)
- (B) "talismã da família" (14º§)
- (C) "papel amarelado e grosso" (16º§)
- (D) "histórias do príncipe Kulanga" (16º§)
- (E) "patuá malaio" (24º§)

QUESTÃO 3

Assinale a opção em que há o emprego no trecho da figura de linguagem denominada símile.

- (A) "Copiei o alfabeto, a sua pronúncia figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras." (3º§)
- (B) "Na minha cabeça dançavam hieróglifos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los" (3º §)
- (C) "As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas." (7º§)
- (D) "Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro."
- (E) "Bem jantado, bem vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas." (27º§)

QUESTÃO 4

Leia o trecho a seguir:

"Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse-me ele; nada se opunha que outrem o traduzisse e ele ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!..." (19º e 20º§)

O narrador, que nada sabia de javanês, para atender ao pedido do Barão de Jacuecanga de que lhe traduzisse o livro, resolveu contar histórias inventadas. Essa decisão se baseia numa imagem que o enunciador (narrador) tinha do interlocutor, à qual se dá o nome de:

- (A) *lógos*.
- (B) *éthos*.
- (C) *areté*.
- (D) *páthos*.
- (E) *phrónesis*.

QUESTÃO 5

No trecho "Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os 'cadáveres'." (2º§), a quem o narrador se refere figurativamente como "cadáveres"?

- (A) Inimigos.
- (B) Credores.
- (C) Doentes.
- (D) Pedintes.
- (E) Policiais.

QUESTÃO 6

Assinale a opção em que o autor utilizou-se da clivagem.

- (A) "Disse-me quem mo deu que ele evita desgraças [...]." (14º§)
- (B) "Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta [...]." (5º§)
- (C) "[...] cheguei a sentir a simpatia da natureza." (6º§)
- (D) "[...] foi cheio de respeito que o vi chegar." (8º§)
- (E) "- O senhor há de ficar admirado [...]." (10º§)

QUESTÃO 7

Assinale a opção que apresenta o trecho em que narrador NÃO transparece sua reação emocional às situações em que se envolve no texto.

- (A) "Resolvi animosamente propor-me ao professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo Jornal e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês." (4º§)
- (B) "Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse ele o discípulo, era sempre um crime mistificar aquele ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei." (8º§)
- (C) "Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio." (24º§)
- (D) "E esse meu temor foi grande, quando o doce barão me mandou com uma carta ao Visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo." (24º§)
- (E) "Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês." (27º§)

QUESTÃO 8

Assinale a opção em que aparece o recurso da ambiguidade sintática.

- (A) "A Encyclopédie dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles." (3º§)
- (B) "Estive ainda folheando o cartapácio, à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço, até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio antes de um ano." (17º§)
- (C) "Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo maleo-polinésico, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do alfabeto hindu." (2º§)
- (D) "As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas." (7º§)
- (E) "Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntar e responder 'como está o senhor?' - e duas ou três regras de gramática, lastrado todo esse saber com vinte palavras do léxico." (5º§)

QUESTÃO 9

No trecho "Bem jantado, bem vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas" (27º§), o narrador faz uso de que estratégia argumentativa?

- (A) Argumentação por causalidade.
- (B) Argumento do sacrifício.
- (C) Argumento do desperdício.
- (D) Redução ao absurdo.
- (E) Argumentação pelo exemplo.

QUESTÃO 10

Assinale a opção em que está corretamente indicada a função sintática do termo antecedente a que as orações subordinadas adjetivas destacadas se referem no trecho.

- (A) "Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes;" (2º§) - sujeito
- (B) "Cheguei suadíssimo; e, com maternal carinho, as anosas mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me receberam, me acolheram e me reconfortaram." (6º§) - predicativo
- (C) "Era uma casa enorme que parecia estar deserta;" (§7) - sujeito
- (D) "- Eu sou, avancei, o professor de javanês, que o senhor disse precisar." (9º§) - sujeito
- (E) "Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio." (24º§) - predicativo

QUESTÃO 11

De acordo com o contexto da história, como se justifica a falta de "energia" do narrador para continuar aprendendo o javanês?

- (A) O narrador não tinha, verdadeiramente, competência intelectual e conhecimento de mundo suficientes para aprender um idioma tão complexo como o javanês.
- (B) De certo modo, sabendo-se moralmente em dívida com o Barão de Jacuecanga, o narrador se sentia assombrado pelo remorso de ter enganado por tanto tempo o velho amigo.
- (C) Após a morte do velho Barão, seus herdeiros não mais necessitavam dos serviços do professor de javanês e o dispensaram, subentende-se, portanto, que o narrador não receberia mais nenhum salário.
- (D) Vivendo, já, numa situação confortável, com relação a seus problemas de ordem material, o narrador não encontrava mais uma motivação que justificasse seus esforços na aprendizagem da língua malaia.
- (E) A fama incontestada do personagem narrador, bem como a necessidade de corresponder às expectativas da sociedade, acabaram por exaurir seus esforços na aprendizagem mais avançada de tal idioma.

QUESTÃO 12

Assinale a opção em que o uso das reticências foi corretamente analisado, segundo a intencionalidade do narrador.

- (A) "É mais fácil - podes ficar certo - aprender o javanês... Fui a pé." (6º§) - Realçam o empenho do narrador em sua aprendizagem da língua javanesa.
- (B) "Em toda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza..." (6º§) - Sugerem que a ideia inicialmente expressa não se completa, devendo ser preenchida com a imaginação do leitor.
- (C) "- O senhor há de ficar admirado, aduziu o Barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas..." (10º§) - Marcam uma suspensão na fala do personagem, para assinalar suas inflexões de natureza emocional.
- (D) "- O que eu quero, meu caro senhor..." (12º§) - Interrompem uma ideia inicial do personagem, que passa a exprimir algumas considerações acessórias.
- (E) "Como ele ouvia aquelas bobagens!..." (20º§) - Assinalam uma pausa, que prolonga a inflexão de espanto na voz do narrador.

QUESTÃO 13

Assinale a opção em que o termo em destaque NÃO pode ser substituído, pelo termo sugerido, pois não se mantém o valor semântico do trecho.

- (A) "Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me." (2º§) - entendesse
- (B) "Cheguei suadíssimo; e, com maternal carinho, as anosas mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me receberam, me acolheram e me reconfortaram." (6º§) - antigas
- (C) "Estive ainda folheando o cartapácio, à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço, até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio antes de um ano." (17º§) - calhamaço
- (D) "Ficava extático, como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos!" (21º§) - imóvel
- (E) "Pus-me com afá no estudo das línguas maleo-polinésicas; mas não havia meio!" (26º§) - empenho

QUESTÃO 14

Leia o trecho a seguir.

"Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio. E esse meu temor foi grande, quando o doce barão me mandou com uma carta ao Visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo. - "Qual! retrucava ele. Vá, menino; você sabe javanês!" Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um sucesso." (24º§)

O termo destacado é uma interjeição que, no trecho, denota:

- (A) espanto.
- (B) animação.
- (C) negação.
- (D) surpresa.
- (E) desejo.

QUESTÃO 15

Leia o trecho a seguir.

"Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc.' Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me." (2º§)

O termo destacado no trecho acima pode ser classificado como:

- (A) advérbio, apresentando uma relação temporal.
- (B) substantivo, sendo sinônimo de "hora".
- (C) interjeição, exprimindo um sentimento de dúvida.
- (D) verbo, empregado no modo imperativo.
- (E) conjunção, demonstrando transição de pensamento.

QUESTÃO 16

Assinale a opção em que, de acordo com o contexto da narrativa, a análise morfosintática das formas verbais destacadas está correta.

- (A) "[...] Eu tinha chegado havia pouco ao Rio e estava literalmente na miséria." (1º§) - A forma verbal "tinha chegado", do verbo "chegar", no pretérito mais que perfeito composto, pode ser substituída pela forma simples correspondente - "cheguei", e foi empregada para denotar um fato passado em relação ao presente do narrador, indicado na forma "estava", no pretérito imperfeito do indicativo.
- (B) "[...] se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentarme." (2º§) - A forma "capiscasse", no imperfeito do subjuntivo, com valor de passado, destaca uma firme vontade do narrador; a forma "ia", futuro do pretérito do indicativo, reforça o desejo do narrador de se candidatar à função de professor de javanês.
- (C) "[...] comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio antes de um ano." (17º§) - A forma reflexiva do verbo "comprometer", no gerúndio, denota uma continuidade na disposição do narrador para ajudar o Barão em seu aprendizado, enquanto a forma "lesse", no imperfeito do subjuntivo, com valor de presente, reforça essa disposição.
- (D) "Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, umentava-me o ordenado. (22º§) - A sequência das formas verbais "fez-me", pretérito perfeito do indicativo, e as duas últimas - "enchia-me" e "umentava-me" -, no pretérito imperfeito do indicativo, destaca o contraste entre um fato concluído - a posição definida do narrador junto ao Barão, e a ação durativa das benesses recebidas pelo narrador.
- (E) "Vá, menino; você sabe javanês!" Fui. [...] Foi um sucesso. [...]" (24º§) - Em "Vá", verbo ir, no imperativo afirmativo, revela-se a confiança do barão nos conhecimentos do narrador; as formas "fui" e "foi", verbos "ser" e "ir", respectivamente, ambas no pretérito perfeito do indicativo, destacam a realização segura e definitiva de um fato.

Leia o texto a seguir e responda as questões de 17 a 28.

Texto II

CARTA DE UM EDITOR PORTUGUÊS

(Rachel de Queiroz)

"... A necessidade que se impõe para uma edição portuguesa de obras de autores brasileiros, de certas e inofensivas alterações, como sejam a deslocação de pronomes (em certos casos), harmonização da ortografia com as determinações do Acordo Luso-brasileiro - que em Portugal é cumprido - e uma ou outra substituição de termos pouco usados

em Portugal ou que tenham sentido diferente daquele que o autor lhes quis dar."

O trecho que acima transcrevo são palavras de uma carta em que ilustre editor português me fez a gentileza de solicitar permissão para publicar livros meus; parece que só mediante tais condições é que autores brasileiros podem ser editados no Portugal europeu e ultramarino.

Pois a resposta que tenho a dar ao prezado editor português é a mesma que já lhe deu, tempos atrás, meu editor e meu amigo José Olympio: - Muito obrigada, mas assim, não.

A primeira interrogação que nos ocorre diante de tal projeto de "alterações", é esta: será verdade, realmente, que o público português não entende a língua portuguesa do Brasil, tal como a falamos?

Não haverá, na ideia dessas alterações, mais uma questão de prestígio que de necessidade? Convivo com grande número de portugueses entre amigos e parentes, e nunca nos desentendemos por incompreensão de palavras ou de modismos. E a língua falada, com as diferenças de sotaque e pronúncia, é muito mais difícil de entender que a língua escrita.

O Brasil é grande, todos o sabemos. E os sessenta milhões de brasileiros falamos e escrevemos de inúmeras maneiras a língua que nos deu Portugal. Compare-se um texto de Simões Lopes a outro de José Lins do Rego e notar-se-ão as infinitas diferenças que separam os dois, no vocabulário e na sintaxe. Mas ousaria um editor do Norte ou do Sul propor alterações nas páginas do paraibano para que o entendessem os gaúchos, ou nas do gaúcho para que o entendessem os paraibanos?

Meu caro amigo português, talvez essa ideia o irrite, mas a verdade é que, hoje, a sua língua é um patrimônio tanto nosso quanto seu. Sei que o trabalho de formá-la, assim bela e nobre, foi dos portugueses. Mas, também, já há quatrocentos anos que a amamos e a apuramos ao nosso modo. Nem tinha ela mais idade quando a usou Camões. Vocês no-la deram, como nos deram tudo o mais com que se fez o Brasil. E hoje ela faz parte essencial da nossa vida de povo, tal como faz parte da sua. Por nós tem sido enriquecida e fecundada. Se em Portugal acham que a maltratamos e a desfiguramos, é porque cada um tem sua maneira de amar e, nessas questões, o que é ortodoxia para uns é heresia espantosa para os outros.

Não, não me venha dizer que em Portugal não entendem o que escrevemos. E, fosse esse o caso, bastaria a aposição de um glossário no fim de cada livro para resolver as dúvidas. Mas o que nos propõe é outra coisa: é correção, é conserto de pronomes, é a revisão do caçanje brasileiro que fere o bom ouvido peninsular.

Acontece entretanto, meu caro amigo, que esse caçanje, que esses pronomes mal postos, que essa língua que lhes revolta o ouvido, é a nossa língua, é o nosso modo normal de expressão, é - ousa dizer - a nossa língua literária e artística. Já não temos outra e, voltar ao modelo inflexível da fala de Portugal, seria para nós, a esta altura, uma contrafação impossível e ridícula.

Digo mais: não acredito de modo nenhum que esse tal sistema de nos corrigir primeiro os livros para os entregar depois ao público português, represente um serviço à aproximação das duas culturas. Acho, ao contrário, que tal prática serve apenas para cultivar diferenças e marcar distâncias. Pode acariciar o vosso orgulho, mas fere fundo as nossas suscetibilidades, sem falar no quanto afeta a integridade e harmonia da nossa obra literária. Pois o que Portugal fica conhecendo, assim, não é literatura brasileira na sua forma espontânea e genuína, mas obra mutilada e remendada, necessariamente grotesca. Que sobrar de um texto meu, por exemplo, depois de ter os seus pronomes recolocados à portuguesa, depois de me trocarem as palavras próprias por outras “de mais fácil compreensão” - mas alheias? Talvez os escritos daqueles colegas muito mais importantes que me citou na sua carta, e que se submeteram às correções, resistissem galhardamente à cirurgia. Eles são tão grandes, tão ricos que, por mais que lhes tirem, sempre fica riqueza suficiente para encantar a qualquer um. Mas, eu, coitadinha, que será feito de mim se me cortam e me deturpam a pouca pobreza? Que restará? Não sou escritor de imaginação que componha bonitos enredos, nem traço retrato de uma época, nem sou capaz de profundezas de psicologia, nem criei nada de novo ou importante na ficção nacional. A pequena graça que me podem achar é neste jeito descansado de mulher do campo, que conta histórias do que conhece e do que ama. E como pode, de repente, essa sertaneja de fala cantada, desandar a trocar língua em puro alfacinha? [...]

Portugal cometeu um erro trágico quando, à volta de D. João VI ao reino, não quis reconhecer ao Brasil o seu estado de adulto e tentou devolvê-lo à menoridade. Por culpa desse erro, rompeu-se a união luso-brasileira. De dois países irmãos e unidos que poderíamos ser, passamos a dois estranhos. Atravessada a crise da Independência, restou-nos, o que não é pouco, o patrimônio comum da cultura e da língua. Mas é preciso que haja respeito e consideração recíprocos, para que tal patrimônio se mantenha indiviso e perfeito. Que haja igualdade de tratamento, de parte a parte. Nunca a um de nós ocorreria “adaptar” ao escrever e ao falar brasileiro, a obra do mais humilde escritor português. Que Portugal faça o mesmo conosco, procure nos entender e nos amar tais como somos, como nos fez o tempo e o gênio português transplantado às terras da América.

Afinal, o Brasil não é um filho bastardo de Portugal. É seu filho legítimo e, mais que isso, é o seu morgado - com todos os direitos e privilégios que estão inerentes à primogenitura.

(QUEIROZ, Rachel de. *Um alpendre, uma rede, um açude: 100 escolhidas*. São Paulo: Siciliano, 1993 - texto adaptado)

QUESTÃO 17

Assinale a opção que apresenta corretamente a análise morfosintática do pronome destacado.

- (A) “[...] ilustre editor português me fez a gentileza de solicitar permissão para publicar livros meus; [...]” (1º§) - pronome oblíquo átono, com a função de objeto direto, referindo-se à autora.
- (B) “[...] falamos e escrevemos de inúmeras maneiras a língua que nos deu Portugal. (5º§) - pronome pessoal oblíquo átono, forma reflexiva, indica uma ação mútua entre brasileiros e portugueses.
- (C) “Mas, também, já há quatrocentos anos que a amamos [...]” (6º§) - pronome pessoal oblíquo átono, com função de objeto indireto, refere-se à Língua Portuguesa.
- (D) “[...] por mais que lhes tirem, sempre fica riqueza suficiente para encantar a qualquer um.” (9º§) - pronome pessoal oblíquo átono, com a função de objeto indireto, utilizado com sentido possessivo.
- (E) “A pequena graça que me podem achar é neste jeito descansado de mulher do campo [...]” (9º§) - pronome pessoal oblíquo átono, tem função de objeto direto, refere-se à “pequena graça” sugerida pela autora.

QUESTÃO 18

Leia o trecho a seguir.

“Talvez os escritos daqueles colegas muito mais importantes que me citou na sua carta, e que se submeteram às correções, resistissem galhardamente à cirurgia. Eles são tão grandes, tão ricos que, por mais que lhes tirem, sempre fica riqueza suficiente para encantar a qualquer um.” (9º§)

Assinale a opção que apresenta corretamente o tipo de relação pragmático-discursiva estabelecida entre os períodos do trecho acima.

- (A) Agrupamento metalinguístico.
- (B) Confronto.
- (C) Conexão de pressupostos.
- (D) Interpretação diagnóstica.
- (E) Comentário.

QUESTÃO 19

Assinale a opção que NÃO se relaciona, diretamente, com a ideia de que os brasileiros adquiriram a Língua Portuguesa com os mesmos direitos de uso dos portugueses, segundo uma das linhas de argumentação da autora.

- (A) "Convivo com grande número de portugueses, tenho a felicidade de contar portugueses entre amigos e parentes, e nunca nos desentendemos [...]" (4º§)
- (B) "E os sessenta milhões de brasileiros falamos e escrevemos de inúmeras maneiras a língua que nos deu Portugal." (5º§)
- (C) "E hoje ela faz parte essencial da nossa vida de povo, tal como faz parte da sua." (6º§)
- (D) "Que Portugal [...] procure nos entender e nos amar tais como somos, como nos fez o tempo e o gênio português transplantado às terras da América." (10º§)
- (E) "[...] o Brasil não é um filho bastardo de Portugal. É seu filho legítimo [...] o seu morgado - com todos os direitos e privilégio que estão inerentes à primogenitura." (11º§)

QUESTÃO 20

Leia o fragmento a seguir:

"O trecho que acima transcrevo são palavras de uma carta em que ilustre editor português [...]" (1º§)

Assinale a opção em que a flexão do verbo se dá pela mesma regra usada com a forma verbal destacada acima.

- (A) Quero saber quem são as pessoas aqui presentes.
- (B) A doação eram vinte quilos de arroz.
- (C) Aquilo eram brincadeiras desagradáveis.
- (D) Daqui à minha casa são três quilômetros.
- (E) Eram três porquinhos a construir suas casas.

QUESTÃO 21

Assinale a opção que apresenta corretamente o processo de formação da palavra destacada.

- (A) "[...] Portugal europeu e ultramarino." (1º§) - composição por justaposição.
- (B) "Por nós tem sido enriquecida [...]" (6º§) - derivação parassintética.
- (C) "[...] o que é ortodoxia para uns [...]" (6º§) - palavra híbrida.
- (D) "[...] modelo inflexível da fala de Portugal, [...]" (8º§) - derivação sufixal.
- (E) "Portugal cometeu um erro trágico [...]" (10º§) - derivação imprópria.

QUESTÃO 22

Assinale a opção em que a informação implícita no enunciado está corretamente indicada.

- (A) "[...] harmonização da ortografia com as determinações do Acordo Luso-brasileiro, que em Portugal é cumprido [...]" (epígrafe) - os portugueses cumprem rigorosamente as determinações do Acordo Luso-brasileiro.
- (B) "[...] - Muito obrigada, mas assim, não." (2º§) - a autora poderia permitir a publicação de seus livros, em Portugal, sob outras condições.
- (C) "[...] voltar ao modelo inflexível da fala de Portugal, seria para nós, a esta altura, uma contrafação impossível e ridícula. (8º§) - o modelo da língua portuguesa, em Portugal, além de inflexível é artificial.
- (D) "Talvez os escritos daqueles colegas [...] que se submeteram às correções, resistissem galhardamente à cirurgia." (9º§) - a escritora reconhece a superioridade das obras de seus colegas escritores.
- (E) "Mas é preciso que haja respeito e consideração recíprocos, para que tal patrimônio se mantenha indiviso e perfeito." (10º§) - a unidade e a excelência da língua portuguesa encontram-se prejudicadas.

QUESTÃO 23

Assinale a opção que apresenta um dos argumentos utilizados pela autora para recusar uma possível edição de suas obras a partir de parâmetros do português europeu.

- (A) A ausência de uma integralidade de compreensão de termos brasileiros pelos falantes portugueses.
- (B) A desvalorização de empregos tipicamente brasileiros pelos portugueses, apesar de considerarem o idioma como patrimônio compartilhado entre os dois países.
- (C) A disparidade existente tanto no vocabulário quanto na sintaxe das diferentes regiões lusitanas.
- (D) A perda da identidade singular de seus textos caso fossem feitas adequações linguísticas por um editor.
- (E) O contraste entre a língua oral e escrita, sendo esta de mais difícil compreensão do que aquela.

QUESTÃO 24

Assinale a opção em que o termo destacado NÃO exerce o papel de demonstrativo no trecho.

- (A) "O trecho que acima transcrevo são palavras de uma carta em que ilustre editor português me fez a gentileza de solicitar permissão para publicar livros meus; parece que só mediante tais condições é que autores brasileiros podem ser editados no Portugal europeu e ultramarino." (1º§)
- (B) "Pois a resposta que tenho a dar ao prezado editor português é a mesma que já lhe deu, tempos atrás, meu editor e meu amigo José Olympio: - Muito obrigada, mas assim, não." (2º§)
- (C) "A primeira interrogação que nos ocorre diante de tal projeto de "alterações", é esta: será verdade, realmente, que o público português não entende a língua portuguesa do Brasil, tal como a falamos?" (3º§)
- (D) "O Brasil é grande, todos o sabemos. E os sessenta milhões de brasileiros falamos e escrevemos de inúmeras maneiras a língua que nos deu Portugal." (5º§)
- (E) "Acho, ao contrário, que tal prática serve apenas para cultivar diferenças e marcar distâncias. Pode acariciar o vosso orgulho, mas fere fundo as nossas suscetibilidades, sem falar no quanto afeta a integridade e harmonia da nossa obra literária." (9º§)

QUESTÃO 25

Assinale a opção em que a autora fez uso de tom irônico para se expressar.

- (A) "[...] em que ilustre editor português me faz a gentileza de solicitar permissão para publicar livros meus [...]" (1º§)
- (B) "E, se fosse o caso, bastaria a aposição de um glossário no fim de cada livro para resolver as dúvidas." (7º§)
- (C) "[...] será verdade, realmente, que o público português não entende a língua portuguesa do Brasil [...]" (3º§)
- (D) "Mas ousaria um editor do Norte ou do Sul propor alterações nas páginas do paraibano para que o entendessem os gaúchos [...]" (5º§)
- (E) "[...] tenho a felicidade de contar portuguesas entre amigos e parentes, e nunca nos desentendemos por incompreensão de palavras ou de modismos." (4º§)

QUESTÃO 26

Leia a sentença a seguir.

"Meu caro amigo português, talvez essa ideia o irrite, mas a verdade é que, hoje, a sua língua é um patrimônio tanto nosso quanto seu." (6º§)

Assinale a opção que apresenta a afirmação correta quanto à sentença acima.

- (A) Predomina na sentença a função conativa da linguagem.
- (B) "É que" funciona, no contexto da frase, como locução expletiva.
- (C) A repetição da forma verbal "é" propicia a recorrência de termos.
- (D) A forma verbal "irrite" só aceita o pronome proclítico nessa sentença.
- (E) A locução "tanto... quanto..." estabelece uma relação puramente comparativa.

QUESTÃO 27

Leia o trecho abaixo para responder à questão.

"A pequena graça que me podem achar é neste jeito descansado de mulher do campo, que conta histórias do que conhece e do que ama." (9º§)

Assinale a opção em que a reescritura do trecho citado mantém seu sentido original e respeita a norma padrão da língua.

- (A) A pequena graça que podem-me achar neste jeito descansado de mulher do campo, é que ela conta histórias do que conhece e do que ama.
- (B) Nesta pequena graça, neste jeito que conta histórias do que conhece e do que ama, é que podem-me achar: mulher descansada do campo.
- (C) É neste jeito descansado de mulher do campo, que conta histórias do que conhece e do que ama, que me podem achar a pequena graça.
- (D) A pequena graça, é que me podem achar neste descansado jeito, que conta histórias de mulher do campo, do que conhece e do que ama.
- (E) Podem me achar a graça é neste jeito descansado de mulher, que conta histórias do campo, do que conhece e do que ama.

QUESTÃO 28

Leia o trecho a seguir.

"Vocês no-la deram, como nos deram tudo o mais com que se fez o Brasil. E hoje ela faz parte essencial da nossa vida de povo, tal como faz parte da sua. Por nós tem sido enriquecida e fecundada." (6º§)

Assinale a opção em que a reescritura do trecho acima está de acordo com a norma-padrão e não altera as relações de sentido entre as orações.

- (A) Vocês nos a deram, como nos deram tudo o mais com o qual se fez o Brasil, e hoje, ela faz parte essencial da nossa vida de povo, tal, como faz parte da sua. Por nós, tem sido enriquecida e fecundada.
- (B) Vocês nos deram-na, como deram-nos tudo o mais com que fez-se o Brasil. E, hoje, ela faz parte essencial da nossa vida de povo, tal como faz parte da sua; por nós tem sido enriquecida e fecundada.
- (C) Vocês no-las deram, como nos deram o mais tudo com que o Brasil se fez; e hoje, ela faz parte, essencial da nossa vida de povo, tal como faz parte da sua, pois por nós tem sido enriquecida e fecundada.
- (D) Vocês nos deram a ela, como nos deram tudo de mais com que fez-se o Brasil. Por isso hoje ela faz parte essencial da nossa vida, de povo, tal como faz parte da sua. Tem sido, por nós, enriquecida e fecundada.
- (E) Vocês no-la deram, como a nós deram tudo o mais com o qual se fez o Brasil; e hoje ela faz parte essencial da nossa vida de povo, tal que faz parte da sua; portanto, por nós tem sido enriquecida e fecundada.

QUESTÃO 29

Assinale a opção em que a autora emprega características tipológicas do texto injuntivo.

- (A) "Mas o que nos propõe é outra coisa: é correção, é concerto de pronomes, é a revisão do caçanje brasileiro que fere o bom ouvido peninsular." (7º§)
- (B) "Sei que o trabalho de formá-la, assim bela e nobre, foi dos portugueses. Mas, também, já há quatrocentos anos que a amamos e a apuramos do nosso modo." (6º§)
- (C) "Que Portugal faça o mesmo conosco, procure nos entender e nos amar tais como somos, como nos fez o tempo e o gênio português transplantado às terras da América." (10º§)
- (D) "Pois a resposta que tenho a dar ao prezado editor português é a mesma que já lhe deu, tempos atrás, meu editor e meu amigo José Olympio: - Muito obrigada, mas assim, não." (2º§)
- (E) "Não sou escritor de imaginação que componha bonitos enredos, nem traço o retrato de uma época, nem sou capaz de profundezas de psicologia, nem criei nada de novo ou importante na ficção nacional." (9º§)

Leia o texto a seguir e responda as questões de 29 a 41.

Texto III

A LUZ DA NOSSA LÍNGUA

O incêndio que atingiu o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, não provocou piores danos - excetuando a perda, sempre irreparável, de uma vida humana - pela simples razão de aquilo que nele se mostrava ser resistente ao fogo. A língua portuguesa é patrimônio imaterial. Não há incêndio capaz de a devorar, a não ser o da ignorância.

Inaugurado em março de 2006, o Museu da Língua Portuguesa, ou Estação Luz da Nossa Língua, teve sucesso imediato. Tal sucesso justifica-se pela qualidade da mostra principal e das exposições temporárias entretanto realizadas; o principal motivo, contudo, tem a ver simplesmente com o fato de ser tão necessário. O museu faz sucesso porque precisamos dele. O que surpreende é não ter surgido mais cedo. O que espanta é que não existam em todos os países e territórios onde se fala a nossa língua, bem como em todos os estados brasileiros, estruturas semelhantes.

Compreender como se formou e afirmou a língua que falamos, conhecer as diferentes variantes do português, ajuda-nos a perceber melhor a história do mundo e - acredito - pode tornar-nos um pouco mais abertos ao outro. O pensamento xenófobo e racista que volta e meia aflora, como uma doença repugnante, em certas franjas das sociedades brasileira e portuguesa, é, em larga medida, uma expressão da ignorância da história da língua que nos deu origem.

Acredito que existe hoje um maior conhecimento mútuo das diferentes variantes da língua portuguesa, desde logo porque as novas tecnologias tendem a derrubar fronteiras. Persiste, mesmo assim, muita ignorância. Recordo certa ocasião, há alguns anos, quando, em viagem pelo interior de Pernambuco, parei junto a um pequeno bar para pedir informações. O rapaz que me recebeu não compreendeu o meu sotaque. Repeti a mesma questão uma e outra vez, sem qualquer sucesso. Tentei de novo, mas dessa vez com o meu melhor sotaque pernambucano. O rosto do rapaz iluminou-se: "Moço, se você fala português, por que estava falando comigo em estrangeiro?".

Numa outra ocasião, no Rio, um taxista, estranhando o meu sotaque, quis saber de onde eu vinha. "Angola?! E em que estado fica isso?" Quando lhe expliquei que Angola é um país, na costa ocidental de África, fez questão de me parabenizar pela qualidade do meu português. Disse-lhe que em Angola também falamos português: "Jura?!" - retorquiu. - "Pensei que só no Brasil se falasse português".

Se nós criamos as línguas, as línguas também nos criam a nós. Não é a mesma coisa crescer falando português, tupi ou swahili. Um dos meus sobrinhos, Samuel, nasceu e cresceu em Luxemburgo, filho de pai luxemburguês. Aprendeu a falar português com a mãe e luxemburguês e alemão com o pai. Como os pais falavam um com o outro em francês, domina também essa língua desde o berço. Sempre que muda do português para o alemão, e deste para o francês ou o luxemburguês, há

alguma coisa em Samuel, um sutil aspeto da personalidade, que parece se alterar também. É como se coexistissem dentro dele várias pessoas, cada uma se exprimindo num idioma diferente.

Em Cabo Verde, o bilinguismo é uma situação vulgar. As pessoas falam naturalmente duas línguas maternas, o português e o crioulo. Fascina-me a forma como os cabo-verdianos cultos trocam de língua, enquanto conversam, dependendo do tema e do interlocutor. Ao mudarem do crioulo para o português, verifica-se também uma ligeira mudança de personalidade. Um cabo-verdiano ao falar português torna-se um tudo-nada mais formal. Não por acaso, a esmagadora maioria da riquíssima música cabo-verdiana usa o crioulo, ao passo que a língua portuguesa reina quase isolada na literatura.

Uma das consequências ainda menos estudadas do triunfo das redes sociais tem a ver com o regresso da comunicação escrita, e com uma maior atenção prestada aos idiomas utilizados nessa comunicação. O bom domínio da língua é uma condição cada vez mais valorizada na hora de escolher amigos e parceiros.

Espero assistir, em 2016, à reabertura do Museu da Língua Portuguesa. Espero que a tragédia que agora o atingiu, em vez de o diminuir, possa servir para chamar a atenção para a sua importância e que este ressurja - à imagem da própria língua - mais pujante e mais diverso do que nunca.

(AGUALUSA, José Eduardo. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/a-luz-da-nossa-lingua-18371130> - texto adaptado)

QUESTÃO 30

No trecho "Se nós criamos as línguas, as línguas também nos criam a nós." (6º§), observa-se um exemplo de objeto:

- (A) perifrástico.
- (B) pleonástico.
- (C) catártico.
- (D) catafórico.
- (E) metafórico.

QUESTÃO 31

Considere a regência do verbo destacado no trecho abaixo:

"[...] em viagem pelo interior de Pernambuco, parei junto a um pequeno bar para pedir informações." (4º§)

Assinale a opção em que a regência do verbo "parar" ocorre segundo o mesmo critério empregado no fragmento acima.

- (A) Alana parou os olhos numa bela pintura.
- (B) O motorista decidiu parar no estacionamento.
- (C) O balão parou sobre a cidade e atraiu curiosos.
- (D) Parou de chover faz aproximadamente duas horas.
- (E) As funcionalidades do *software* não param em imprimir.

QUESTÃO 32

A partir da leitura do texto, pode-se afirmar que:

- (A) o autor exalta a importância de um museu de língua portuguesa para combater o preconceito sofrido por classes sociais xenofóbicas.
- (B) a personalidade de um indivíduo pode mudar bruscamente quando ele alterna o idioma que utiliza em situações de comunicação.
- (C) a utilização de redes sociais e os modos específicos de escrita da rede (como o *internetês*) acabam tornando ainda mais difícil a comunicação entre países que falam a mesma língua.
- (D) por se tratar de uma língua mais simples, o crioulo é utilizado pelos cabo-verdianos em situações mais cotidianas e preferem reservar ao português o papel de código literário.
- (E) o autor registra o parco conhecimento do brasileiro sobre sua própria língua, a partir de situações vividas por ele no Brasil.

QUESTÃO 33

Assinale a opção que apresenta corretamente o comentário sobre as expressões destacadas.

- (A) A luz da nossa língua - o título do texto explicita a intencionalidade do autor quanto à localização geográfica do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo.
- (B) "Jura?!" - retorquiu." (5º§) - termo com valor interjetivo, denota simultaneamente impaciência e espanto.
- (C) "[...] as línguas também nos criam a nós." (6º§) - a preposição introduz o objeto direto representado pelo pronome oblíquo tônico "nós".
- (D) "Não é a mesma coisa crescer falando português, [...]" (6º§) - o termo tem valor demonstrativo e faz alusão a uma ideia anteriormente expressa.
- (E) "Em Cabo Verde, o bilinguismo é uma situação vulgar". / "[...] os cabo-verdianos cultos trocam de língua [...]". (7º§) - na utilização desses termos, percebe-se, implicitamente, uma ideia preconceituosa com relação à variante utilizada pelos cabo-verdianos.

QUESTÃO 34

Leia o fragmento a seguir:

"O incêndio que atingiu o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, não provocou piores danos - excetuando a perda, sempre irreparável, de uma vida humana - pela simples razão de aquilo que nele se mostrava ser resistente ao fogo. A língua portuguesa é patrimônio imaterial. Não há incêndio capaz de a devorar, a não ser o da ignorância." (1º§)

O fragmento acima é ilustrativo de um tipo de coerência que leva em consideração o propósito comunicacional, a forma composicional e o conteúdo temático de um texto. Assinale a opção que apresenta a denominação correta desse tipo de coerência.

- (A) Semântica.
- (B) Genérica.
- (C) Sintática.
- (D) Pragmática.
- (E) Estilística.

QUESTÃO 35

Leia o trecho a seguir:

"O incêndio que atingiu o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, não provocou piores danos - excetuando a perda, sempre irreparável, de uma vida humana - pela simples razão de aquilo que nele se mostrava ser resistente ao fogo." (1º§)

Assinale a opção que pode substituir a expressão em destaque no trecho, mantendo o mesmo sentido e respeitando as normas gramaticais.

- (A) [...] que aquilo que nele se mostrava ser resistente ao fogo.
- (B) [...] nele se mostrava aquilo que é resistente ao fogo.
- (C) [...] que mostrava-se nele aquilo resistente ao fogo.
- (D) [...] que aquilo que nele se mostrava era resistente ao fogo.
- (E) [...] aquilo que nele se mostrava era resistente ao fogo.

QUESTÃO 36

A partir do exemplo apresentado por Agualusa, assinale a opção em que o parecer teórico avaliza a ideia implícita na argumentação do autor.

- (A) "[...] a verdade é que uma das características de nossa época, uma das fontes ou causas de angústias, conflitos e aflições do nosso tempo parece que está na complexidade, na diversidade e infidedignidade da comunicação oral ou escrita, quer entre indivíduos quer entre grupos." (p.7) - GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 27ª ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- (B) "Num mundo cada vez mais partilhado e em interação, a visão histórica da Língua Portuguesa - hoje a língua oficial de cerca de 200 milhões de pessoas em oito países - é fundamental para compreender sua atual importância geopolítica, social e cultural." (p. XXVII - Advertência)- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- (C) "É importante assinalar que cada variedade tem seu conjunto de situações específicas e em geral não pode ser substituída por outras sem provocar estranheza ou mesmo destruir a possibilidade de comunicação." (p. 24) - PERINI, Mário A. *A gramática descritiva do português*. 4ª ed. 11ª impressão. São Paulo: Ática, 2007.
- (D) "Toda língua em uso numa comunidade sofre alterações através do tempo. Uma língua não muda "de vez em quando", qualquer língua "viva" se transforma continuamente." (p.28) - AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. 2ª ed. revista - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- (E) "Se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os discursos são sempre o espaço privilegiado da luta entre vozes sociais, o que significa que são precipuamente o lugar da contradição, [...]". (p. 9) - FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

QUESTÃO 37

Assinale a opção em que o termo em destaque no trecho pode ser substituído pelo termo proposto, mantendo o valor semântico original.

- (A) Tal sucesso justifica-se pela qualidade da mostra principal e das exposições temporárias entretanto realizadas;" (2º§) - *contudo*
- (B) "Moço, se você fala português, por que estava falando comigo em estrangeiro?" (4º§) - *vernáculo*
- (C) "Jura?!" - retorquiu. - "Pensei que só no Brasil se falasse português." (5º§) - *ênfaticou*
- (D) "Um cabo-verdiano ao falar português torna-se um tudo-nada mais formal." (7º§) - *pouco*
- (E) "Espero que a tragédia que agora o atingiu, em vez de o diminuir, possa servir para chamar a atenção para a sua importância e que este ressurgir - à imagem da própria língua - mais pujante e mais diverso do que nunca." (9º§) - *seguro*

QUESTÃO 38

Assinale a opção em que o autor faz referência à variação diatópica da língua.

- (A) "O pensamento xenófobo e racista que volta e meia aflora, como uma doença repugnante, em certas franjas das sociedades brasileira e portuguesa [...]." (3º§)
- (B) "Se nós criamos as línguas, as línguas também nos criam a nós. Não é a mesma coisa crescer falando português, tupi ou swahili." (6º§)
- (C) "A língua portuguesa é patrimônio imaterial. Não há incêndio capaz de a devorar, a não ser o da ignorância." (1º§)
- (D) "O rapaz que me recebeu não compreendeu o meu sotaque. Repeti a mesma questão uma e outra vez, sem qualquer sucesso." (4º§)
- (E) "O museu faz sucesso porque precisamos dele. O que surpreende é não ter surgido mais cedo." (2º§)

QUESTÃO 39

Assinale a opção em que o substantivo sublinhado segue a mesma classificação de gênero do termo destacado em: "[...] um taxista, estranhando o meu sotaque, quis saber de onde eu vinha." (5º§)

- (A) A imigrante já fala fluentemente a língua do país que a acolheu.
- (B) Os livros de Língua Portuguesa para estrangeiros foram atualizados.
- (C) O moral dos estudantes ficou mais elevado após o resultado das provas.
- (D) Baleias da espécie cachalote foram avistadas na altura do Forte São João.
- (E) Aquelas pessoas não conheciam as idiosincrasias de cada região do país.

QUESTÃO 40

Leia o trecho a seguir:

"Sempre que muda do português para o alemão, e deste para o francês ou o luxemburguês, há alguma coisa em Samuel, um sutil aspecto da personalidade, que parece se alterar também. É como se coexistissem dentro dele várias pessoas, cada uma se exprimindo num idioma diferente." (6º§)

O termo sublinhado no trecho acima é uma variante ortográfica, pois se admite também a escrita com a presença da oclusiva velar "aspecto". Assinale a opção em que a conservação da oclusiva velar também é opcional, segundo as normas ortográficas vigentes no Brasil.

- (A) Infecção.
- (B) Pacto.
- (C) Convicto.
- (D) Ficção.
- (E) Friccionar.

QUESTÃO 41

Leia o trecho abaixo:

"Recordo certa ocasião, há alguns anos, quando, em viagem pelo interior de Pernambuco, parei junto a um pequeno bar para pedir informações." (4º§)

Assinale a opção em que a reescritura do trecho citado mantém seu sentido original e respeita a norma padrão da língua.

- (A) Lembro-me, que viajava pelo interior de Pernambuco, quando certa ocasião parei, e pedi informações próximo à pequeno bar.
- (B) Tem alguns anos recordo certa ocasião, em viagem para pedir informações pelo interior pernambucano, quando parei próximo a um bar pequeno.
- (C) Recordo-me de uma ocasião, faz alguns anos, durante viagem pelo interior pernambucano, quando parei a fim de pedir informações, junto a um pequeno bar.
- (D) Há alguns anos que eu viajava pelo interior de Pernambuco; me lembro de certa ocasião, parado próximo a um pequeno bar, quando pedi informações.
- (E) Fazem alguns anos que, junto a um pequeno bar, recordo, em viagem pelo interior de Pernambuco, quando a certa ocasião parei para pedir informações.

Leia o texto a seguir e responda as questões 42 a 49.

Texto IV

IDIOMA E IDENTIDADE

Na clássica história de Babel o que mais chama a atenção é, claro, a confusão dos idiomas que se instala quando Deus pune este projeto arrogante. O que fica num segundo plano é o projeto propriamente dito, o projeto da torre. É a materialização de uma blasfêmia, como a Bíblia deixa bem claro, mas é, reconhecamos, um projeto arrojado e que, aparentemente, unia toda a humanidade. Concluída, a torre de Babel representaria uma mensagem universal, uma mensagem que todos os homens entenderiam. Mensagem abominável, do ponto de vista de Jeová, mas mensagem, de qualquer modo, como é mensagem todo monumento. Essa mensagem unificadora nunca foi concluída, por causa exatamente do caos linguístico; e foi então substituída por um novo projeto comum, menos ambicioso e mais lógico: o projeto de um idioma universal de que o esperanto do doutor Zamenhoff é o grande exemplo. Dito projeto não chegou a decolar, mas caracterizou como válida a aspiração humana de união. De fato, unidade e diversidade são dois polos da nossa realidade cotidiana, como o são a globalização e a regionalização. Correspondem a duas necessidades básicas da pessoa, a necessidade de uma identidade pessoal e grupal e a necessidade de dissolver-se no todo em que se constitui a condição humana.

O Brasil é um exemplo disso. Por causa de sua extensão classicamente é conhecido como um país continental. E, sendo do tamanho de um continente, poderia ter vários idiomas, como acontece em regiões, aliás muito menores, da Europa. Não, o idioma é um só. Mas é um só diferenciado de acordo com as regiões. O linguajar do gaúcho é muito diferente do linguajar do nordestino, ou do paulista, ou do carioca. Dei-me conta disso quando escrevi o prefácio para um livro de contos do grande escritor rio-grandense-do-sul Simões Lopes Neto. Quando recebi da editora o livro, fiquei impressionado com o tamanho do glossário, que daria até um volume à parte. O que é explicável: pouca gente fora do Rio Grande do Sul sabe, por exemplo, o que é um tirador, aquele avental de couro que o gaúcho usa para conter a rês. E pouca gente usa o "tu" como pronome de segunda pessoa.

A situação poderia permanecer assim por muito tempo, talvez indefinidamente. Mas então surgem as redes de TV, e o Brasil, de sul a norte e de leste a oeste, começa a ouvir um idioma único. O resultado é a homogeneização, que chega a todo o país e põe em xeque as nuances regionais.

No Rio Grande do Sul o "tu" começa a dar lugar ao "você", primeiro nos programas de rádio e TV, logo na conversa informal. O "tu" ainda permanece nos lares e nos bares, mas quem sabe por quanto tempo? E quem imaginaria, por outro lado, a quantidade de anglicismos que, por causa do papel hegemônico dos Estados Unidos, tem penetrado na linguagem corrente?

Caprichosos e às vezes imprevisíveis são os caminhos do idioma, como caprichosos e às vezes imprevisíveis são os caminhos da humanidade, que ora levam à identidade individual/grupal ora à identidade universal. E caprichoso e imprevisível é o destino dos

projetos nessa área. Os construtores da torre de Babel que o digam.

(SCLIAR, Moacyr. *Idioma e identidade*. Revista Língua: ano 7, nº 80, junho de 2012.)

QUESTÃO 42

Assinale a opção em que a linguagem se destaca por estar na forma conotativa.

- (A) "Dito projeto não chegou a decolar, mas caracterizou como válida a aspiração humana de união." (1º§)
- (B) "E, sendo do tamanho de um continente, poderia ter vários idiomas, como acontece em regiões, aliás muito menores, da Europa." (1º§)
- (C) "O linguajar do gaúcho é muito diferente do linguajar do nordestino, ou do paulista, ou do carioca." (2º§)
- (D) "Quando recebi da editora o livro, fiquei impressionado com o tamanho do glossário, que daria até um volume à parte." (2º§)
- (E) "O que é explicável: pouca gente fora do Rio Grande do Sul sabe, por exemplo, o que é um tirador, aquele avental de couro que o gaúcho usa para conter a rês." (2º§)

QUESTÃO 43

Leia o trecho a seguir.

"Caprichosos e às vezes imprevisíveis são os caminhos do idioma, como caprichosos e às vezes imprevisíveis são os caminhos da humanidade, que ora levam à identidade individual/grupal ora à identidade universal." (5º§)

Segundo o autor, são exemplos da identidade individual/grupal e da identidade universal, respectivamente:

- (A) o esperanto, idioma artificial criado por Zamenhoff, e a Bíblia, como difusora de preceitos universais.
- (B) a globalização dos meios de comunicação e as características regionais de um país continental como o Brasil.
- (C) os vocábulos como "tirador", específicos de uma dada região brasileira, e o caos linguístico que teria surgido com a torre de Babel.
- (D) as pequenas regiões europeias onde há grande diversidade de idiomas e o uso do "tu" no lugar de "você", difundido pelos programas de rádio e TV em todo o Brasil.
- (E) o glossário de um livro de contos de Simões Lopes Neto e os anglicismos presentes na linguagem corrente atual pela forte influência cultural dos EUA.

QUESTÃO 44

Assinale a opção em que o tipo de encadeamento estabelecido pela palavra destacada em “É a materialização de uma blasfêmia, como a Bíblia deixa bem claro [...]” (1º§) está corretamente indicado.

- (A) Comprovação.
- (B) Disjunção.
- (C) Modo.
- (D) Conformidade.
- (E) Mediação.

QUESTÃO 45

Leia a frase a seguir.

“O linguajar do gaúcho é muito diferente do linguajar do nordestino, ou do paulista, ou do carioca.” (2º§)

Que estratégia argumentativa foi empregada pelo autor na frase acima?

- (A) Exemplificação.
- (B) Justificativa.
- (C) Contraste.
- (D) Refutação.
- (E) Analogia.

QUESTÃO 46

Assinale a opção que apresenta corretamente a regra de acentuação para o termo em destaque no trecho.

- (A) “De fato, unidade e diversidade são dois polos da nossa realidade cotidiana, como o são a globalização e a regionalização.” (1º§) - Não se usa acento gráfico em palavras paroxítonas, a não ser para diferenciá-las de outras palavras delas homógrafas.
- (B) “Correspondem a duas necessidades básicas da pessoa, a necessidade de uma identidade pessoal e grupal e a necessidade de dissolver-se no todo em que se constitui a condição humana.” (1º§) - Não leva acento a vogal tônica dos ditongos iu e ui.
- (C) “E, sendo do tamanho de um continente, poderia ter vários idiomas, como acontece em regiões, aliás muito menores, da Europa.” (2º§) - Levam acento os oxítonos iniciados em a-.
- (D) “E quem imaginaria, por outro lado, a quantidade de anglicismos que, por causa do papel hegemônico dos Estados Unidos, tem penetrado na linguagem corrente?” (4º§) - Levam acento agudo ou grave todos os proparoxítonos.
- (E) “E caprichoso e imprevisível é o destino dos projetos nessa área. Os construtores da torre de Babel que o digam.” (5º§) - Levam acento os vocábulos terminados por ditongo oral tônico.

QUESTÃO 47

Assinale a opção em que predomina a função metalinguística da linguagem.

- (A) “Na clássica história de Babel o que mais chama a atenção é, claro, a confusão dos idiomas que se instala quando Deus pune este projeto arrogante.” (1º§)
- (B) “No Rio Grande do Sul o ‘tu’ começa a dar lugar a ‘você’, primeiro nos programas de rádio e TV, logo na conversa informal.” (4º§)
- (C) “E, sendo do tamanho de um continente, poderia ter vários idiomas, como acontece em regiões, aliás muito menores, da Europa. Não, o idioma é um só.” (2º§)
- (D) “A situação poderia permanecer assim por muito tempo, talvez indefinidamente. Mas então surgem as redes de TV, e o Brasil, de sul a norte e de leste a oeste, começa a ouvir um idioma único.” (3º§)
- (E) “O que é explicável: pouca gente fora do Rio Grande do Sul sabe, por exemplo, o que é um tirador, aquele avental de couro que o gaúcho usa para conter a rês.” (2º§)

QUESTÃO 48

No trecho “Concluída, a torre de Babel representaria uma mensagem universal, uma mensagem que todos os homens entenderiam.” (1º§), o termo em destaque pode ser classificado como uma oração subordinada reduzida de participio:

- (A) substantiva objetiva direta.
- (B) substantiva subjetiva.
- (C) adjetiva restritiva.
- (D) adverbial condicional.
- (E) adverbial concessiva.

QUESTÃO 49

Assinale a opção correta quanto à ideia referida pelo pronome destacado em: “O Brasil é um exemplo disso.” (2º§)

- (A) Experimentar internamente uma articulação unificadora e ao mesmo tempo globalizada da Língua Portuguesa.
- (B) Conjuguar a unidade e a diversidade da língua em território nacional e estar aberto a uma universalidade linguística.
- (C) Não deixar de defender, pacificamente, uma identidade linguística, e intransferível, do linguajar brasileiro.
- (D) Fazer uso, única e exclusivamente, de uma língua, a despeito de seu tamanho continental.
- (E) Apresentar certa aspiração à união linguística, como uma natureza intrínseca ao seu povo.

QUESTÃO 50

Tendo em vista as relações dialógicas entre os textos II, III e IV, em que opção as ideias expostas apresentam perspectivas diferentes sobre o mesmo assunto?

- (A) "Convivo com grande número de portugueses, tenho a felicidade de contar portugueses entre amigos e parentes, e nunca nos desentendemos por incompreensão de palavras ou modismos." (5º§) - Texto II. "Compreender como se formou e afirmou a língua que falamos, conhecer as diferentes variantes do português, ajuda-nos a perceber melhor a história do mundo e - acredito - pode tornar-nos um pouco mais abertos ao outro." (4º§) - Texto III.
- (B) "Compare-se um texto de Simões Lopes Neto a outro de José Lins do Rego e notar-se-ão as infinitas diferenças que separam os dois, no vocabulário e na sintaxe. (6º§) - Texto II. "Não, o idioma é um só. Mas é um só diferenciado de acordo com as regiões. O linguajar do gaúcho é muito diferente do linguajar do nordestino, ou do paulista, ou do carioca." (2º§) - Texto IV.
- (C) "Acredito que existe hoje um maior conhecimento mútuo das diferentes variantes da língua portuguesa, desde logo porque as novas tecnologias tendem a demarcar fronteiras. (4º§) - Texto III. "A situação poderia permanecer assim por muito tempo, talvez indefinidamente. Mas então surgem as redes de TV, e o Brasil, de sul a norte e de leste a oeste, começa a ouvir um idioma único. O resultado é a homogeneização, que chega a todo o país e põe em xeque as nuances regionais. (3º§) - Texto IV.
- (D) "Caprichosos e às vezes imprevisíveis são os caminhos do idioma, como caprichosos e às vezes imprevisíveis são os caminhos da humanidade, que ora levam à identidade individual/grupal ora à identidade universal." (5º§) - Texto IV. "Um dos meus sobrinhos, Samuel, nasceu e cresceu em Luxemburgo, filho de pai luxemburguês. Aprendeu a falar português com a mãe e luxemburguês e alemão com o pai. Como os pais falavam um com o outro em francês, domina também essa língua desde o berço. Sempre que muda do português para o alemão, e deste para o francês ou o luxemburguês, há alguma coisa em Samuel, um sutil aspecto da personalidade, que parece se alterar também. É como se coexistissem dentro dele várias pessoas, cada uma se exprimindo num idioma diferente." (6º§) - Texto III.
- (E) "Em Cabo Verde, o bilinguismo é uma situação vulgar. As pessoas falam naturalmente duas línguas maternas, o português e o crioulo. Fascina-me a forma como os cabo-verdianos cultos trocam de língua, enquanto conversam, dependendo do tema e do interlocutor. Ao mudarem do crioulo para o português, verifica-se também uma ligeira mudança de personalidade. Um cabo-verdiano ao falar português torna-se um tudo nada mais formal." (7º§) - Texto III. "De fato, unidade e diversidade são dois polos da nossa realidade cotidiana, como o são a globalização e a regionalização. Correspondem a duas necessidades básicas da pessoa, a necessidade de uma identidade pessoal e grupal e a necessidade de dissolver-se no todo em que se constitui a condição humana." (2º§) - Texto IV.

RASCUNHO PARA REDAÇÃO

TÍTULO:

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

INSTRUÇÕES GERAIS AO CANDIDATO

- 1- Verifique se a prova recebida e a folha de respostas são da mesma cor (consta no rodapé de cada folha a cor correspondente) e se não faltam questões ou páginas. Escreva e assine corretamente seu nome, coloque seu número de inscrição e o dígito verificador (DV) apenas nos locais indicados;
- 2- O tempo para a realização da prova será de **4 (quatro) horas**, incluindo o tempo necessário à redação e à marcação das respostas na folha de respostas, e não será prorrogado;
- 3- Só inicie a prova após ser autorizado pelo Fiscal, interrompendo sua execução quando determinado;
- 4- A redação deverá ser uma dissertação com ideias coerentes, claras e objetivas, escritas em língua portuguesa. Deverá ter, no mínimo, 20 linhas contínuas, considerando o recuo dos parágrafos, e no máximo 30 linhas;
- 5- Iniciada a prova, não haverá mais esclarecimentos. O candidato somente poderá deixar seu lugar, devidamente autorizado pelo Supervisor/Fiscal, para se retirar definitivamente do recinto de prova ou, nos casos abaixo especificados, devidamente acompanhado por militar designado para esse fim:
 - atendimento médico por pessoal designado pela MB;
 - fazer uso de banheiro; e
 - casos de força maior, comprovados pela supervisão do certame, sem que aconteça saída da área circunscrita para a realização da prova.
 Em nenhum dos casos haverá prorrogação do tempo destinado à realização da prova; em caso de retirada definitiva do recinto de prova, esta será corrigida até onde foi solucionada;
- 6- Use caneta esferográfica preta ou azul para preencher a folha de respostas;
- 7- Confira nas folhas de questões as respostas que você assinalou como corretas antes de marcá-las na folha de respostas. Cuidado para não marcar duas opções para uma mesma questão na folha de respostas (a questão será perdida);
- 8- Para rascunho, use os espaços disponíveis nas folhas de questões, mas só serão corrigidas as respostas marcadas na folha de respostas;
- 9- O tempo mínimo de permanência dos candidatos no recinto de aplicação de provas é de **2 (duas) horas**.
- 10- Será eliminado sumariamente do processo seletivo/concurso e suas provas não serão levadas em consideração o candidato que:
 - a) der ou receber auxílio para a execução da Prova escrita objetiva de conhecimentos profissionais e da Redação;
 - b) utilizar-se de qualquer material não autorizado;
 - c) desrespeitar qualquer prescrição relativa à execução da Prova e da Redação;
 - d) escrever o nome ou introduzir marcas identificadoras noutro lugar que não o determinado para esse fim;
 - e) cometer ato grave de indisciplina; e
 - f) comparecer ao local de realização da Prova escrita objetiva de conhecimentos profissionais e da Redação após o horário previsto para o fechamento dos portões.
- 11- Instruções para o preenchimento da folha de respostas:
 - a) use caneta esferográfica azul ou preta;
 - b) escreva seu nome em letra de forma no local indicado;
 - c) assine seu nome no local indicado;
 - d) no campo inscrição DV, escreva seu número de inscrição nos retângulos, da esquerda para a direita, um dígito em cada retângulo. Escreva o dígito correspondente ao DV no último retângulo. Após, cubra todo o círculo correspondente a cada número. Não amasse, dobre ou rasgue a folha de respostas, sob pena de ser rejeitada pelo equipamento de leitura ótica que a corrigirá; e
 - e) só será permitida a troca de folha de respostas até o início da prova, por motivo de erro no preenchimento nos campos nome, assinatura e número de inscrição, sendo de inteira responsabilidade do candidato qualquer erro ou rasura na referida folha de respostas, após o início da prova.
- 12- Procure preencher a folha com atenção de acordo com o exemplo abaixo:

- 13- Não será permitido levar a prova após sua realização. O candidato está autorizado a transcrever suas respostas, dentro do horário destinado à solução da prova, utilizando o modelo impresso no fim destas instruções, para posterior conferência com o gabarito que será divulgado. É proibida a utilização de qualquer outro tipo de papel para anotação do gabarito.

ANOTE SEU GABARITO										PROVA DE COR _____														
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50